

Receita para empreendedor

Seminário analisa estratégias para o sucesso de negócios de alta tecnologia

O sucesso de uma empresa de base tecnológica depende da capacidade empreendedora de seus organizadores e da formação da equipe, que deve contar com um líder carismático e ter pessoas com diferentes tipos de vínculos com a universidade – de professores com dedicação exclusiva a adjuntos –, além de profissionais ligados ao mundo dos negócios. Essa é a receita do empreendedorismo bem-sucedido defendida por Tina Seelig, diretora-executiva do Stanford Technology Ventures Program e da Stanford Entrepreneurship Network. Tina participou da primeira mesa-redonda que debateu o tema Formação em Empreendedorismo para Cientistas e Engenheiros na América Latina, promovida pelo Centro Minerva de Empreendedorismo, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em dezembro. O evento já havia sido realizado na Europa e na Índia.

No que se refere aos aspectos estratégicos do empreendedorismo, Valério Veloso, diretor-executivo do Porto Digital, destacou a importância de reunir, nos pólos de negócios, empresas de diferentes portes. E Cesar Simões Salim, que coordena o primeiro centro de empreendedorismo brasileiro, instalado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) desde 1995, frisou a necessidade da criação de bancos de estudos de casos brasileiros que reflitam a realidade nacional. Também comentou que, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, no Brasil os alunos tendem a valorizar pouco a marca

da universidade em que se graduaram. “Na PUC, criamos o Gavea Angels no final de 2002, para estimular os investimentos de pessoas físicas na criação de empresas inovadoras”, contou Salim. “Infelizmente, os resultados não são dignos de comemoração.”

Obstáculos legais - No Brasil, o conceito de empreendedorismo ainda é pouco conhecido. Fernando Reinach, diretor executivo da Votorantim Ventures, que patrocinou o seminário, e presidente da Allelyx, empresa de biotecnologia,

apontou uma dificuldade de prospecção de empreendimentos de alta carga tecnológica com bom potencial para o capital de risco: “Uma empresa que financie um projeto de pesquisa não terá prioridade de direito de uso dos resultados, porque a propriedade intelectual de qualquer tecnologia desenvolvida dentro da universidade é da própria universidade e sua transferência, ao menos em tese, está condicionada a processos licitatórios, o que torna os convênios juridicamente frágeis”, disse. Se uma companhia farmacêutica, por exemplo, investir em uma pesquisa realizada na universidade que resulte na cura do câncer e desenvolver produtos com base nela, talvez tenha de enfrentar os advogados dos grandes laboratórios internacionais. A nova versão da Lei de Inovação, que tramita no Congresso, aborda especificamente essa questão e poderia eliminar essa dificuldade apontada por Fernando Reinach.

Ele também comentou o fato de os cientistas ligados a universidades e institutos não terem direito de propriedade intelectual sobre suas invenções e descobertas. “Por isso, em vez de tirar idéias da universidade, temos de tirar pessoas da universidade, o que cria certa tensão no relacionamento”, diz Reinach. A Votorantim Ventures tem um modelo de investimento de risco compatível com os prazos de retorno e a baixa atividade do mercado de ações no Brasil.

Apesar de todos esses problemas, a indicação de que o setor tem um bom potencial de crescimento são os investimentos em programas de inovação tecnológica da FAPESP.



LAURABEATRIZ

Laura Beatriz